

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL NO ENFRENTAMENTO À COVID-19 PELA REVISTA *VEJA*

THE CONSTRUCTION OF BRAZILIAN IMAGE IN THE FACE OF COVID-19 BY *VEJA* MAGAZINE

Adriano Carlos de MOURA

Instituto Federal de Pernambuco/IFPE

PROFLETRAS/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

adrianomoura@recife.ifpe.edu.br

Resumo: Buscamos analisar, sob a luz da semiótica francesa, com base nos trabalhos de Greimas (1977), Greimas e Fontanille (1993) e Fiorin (2002), a construção da imagem do Brasil por parte da revista *Veja*, no que tange ao combate ao novo coronavírus pelo governo brasileiro. O nosso *corpus* foi composto por três capas publicadas pelo semanário, respectivamente, nas edições 2676, de 04 de março de 2020; 2728, de 10 de março de 2021; e 2743, de 23 de junho de 2021. A seleção das capas se deu por meio de um recorte qualitativo, levando em consideração aquelas que abordaram o combate à pandemia por parte do Governo Federal. Além disso, a escolha das publicações respeitou um recorte cronológico: a primeira capa foi publicada logo depois do anúncio do primeiro caso de Covid-19 no Brasil; a publicação da segunda ocorreu aproximadamente um ano após o início da pandemia; e a terceira foi publicada, justamente, depois de o país atingir a vergonhosa marca de 500.000 mortes em decorrência do contágio pelo SARS-CoV-2. Buscamos evidenciar os actantes partícipes dessas narrativas; o contexto de publicação das capas; as principais estratégias discursivas de que lançou mão o sujeito enunciador; e estabelecer a oposição elementar que subjaz a superfície verbo-visual. Após as análises, comprovamos que, no início da pandemia, *Veja* se mostrava otimista em relação à forma como o país conduziria o combate à pandemia; porém, esse discurso foi-se modificando à medida que o governo foi demonstrando sua inabilidade na contenção do número de contaminados e, conseqüentemente, de mortes provocadas pela Covid-19.

Palavras-chave: Semiótica. Brasil. Revista *Veja*. Pandemia. Covid-19.

Abstract: We seek to analyze, under the light of French semiotics, based on the work of Greimas (1977), Greimas and Fontanille (1993) and Fiorin (2002), the construction of Brazilian image by *Veja* magazine, in relation to the fight against new coronavirus by the Brazilian government. Our corpus was composed by three covers published by the weekly publication, respectively, in issues 2676, of March 4th, 2020; 2728 of March 10, 2021; and 2743, of June 23, 2021. The covers was selected through a qualitative approach, taking into account those covers that addressed the fight against the pandemic by the Federal Government. In addition, the choice of publications respected a chronological approach: the first cover was published soon after the announcement of the first case of Covid-19 in Brazil; the publication of the second occurred approximately one year after the start of the pandemic; and the third was published precisely after the country reached

the shameful mark of 500,000 deaths as a result of contagion by SARS-CoV-2. We seek to highlight the participants in these narratives; the context of publication of the covers; the main discursive strategies used by the enunciating subject; and establish the elementary opposition that underlies the verb-visual surface. After the analyses, we verified that, at the beginning of the pandemic, *Veja* was optimistic about the way the country would conduct the fight against the pandemic; however, this discourse was modified as the government demonstrated its inability to contain the number of infected people and, consequently, the deaths caused by Covid-19.

Keywords: Semiotics. Brazil. *Veja* magazine. Pandemic. Covid-19.

1. Introdução

Em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019, foi detectada uma variante do coronavírus que não havia infectado seres humanos até então, o SARS-CoV-2. Dias depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades de Pequim confirmaram a informação. Até hoje, já foram catalogados em todo mundo sete tipos de coronavírus que podem infectar humanos, HCoVs: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV, MERS-COV e, por último, o SARS-CoV-2. Vale salientar que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os coronavírus são, depois dos rinovírus, a principal causa de resfriados simples em humanos.

Em 30 de janeiro de 2020, seguindo o Regulamento Sanitário Internacional, a OMS declarou a atual pandemia como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). No Brasil, o primeiro caso da covid-19 foi confirmado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. A vítima teria sido um homem de 61 anos de idade que deu entrada, no dia 25 de fevereiro de 2020, no Hospital Israelita Albert Einstein. O homem teria acabado de regressar de viagem à Itália. O então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, declarou, em entrevista coletiva, que o novo vírus “É mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar. Das gripes históricas com letalidade maior, o coronavírus se comporta à menor e tem transmissibilidade similar a determinadas gripes que a humanidade já superou” (MANDETTA, 2020).

Embora esse tenha sido apontado como o primeiro caso em território nacional, uma reportagem de 26 de abril de 2020, do correspondente Vinícius Lemos, da BBC Brasil, aponta que é bem provável que o vírus já circulasse no Brasil bem antes da notificação oficial do Governo. Em primeiro lugar, dados do Infogripe, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), apontaram uma histórica elevação dos casos Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) em nosso território nos primeiros três meses do ano, embora, deva-se considerar que tais casos podem ter sido ocasionados por outros vírus, como adenovírus e/ou influenza. Outro fator relevante para que se tenha gerado desconfiança por parte da comunidade científica e da imprensa nacional e internacional sobre a ocorrência de casos anteriores ao do Albert Einstein foi o fato de o hospital já estar preparado para o atendimento a pacientes com covid-19 quando da chegada do turista brasileiro, contando com exame(s) de detecção e protocolo de atendimento médico à SARS-CoV-2. Vinícius Lemos, durante a reportagem supracitada, menciona que o virologista Bergmann Moraes Ribeiro, do Departamento de Biologia Celular da Universidade de Brasília (UnB), apontou que:

Existe muito tráfego aéreo no Brasil. Em janeiro, por exemplo, muitas pessoas podem ter chegado do exterior sem sintomas ou com sintomas bem leves, como tosse e pouca febre. Não existia um controle ou qualquer orientação sobre o coronavírus, então elas podem não ter procurado atendimento médico. Em uma semana, podem ter se recuperado, mas nesse período podem ter contaminado muita gente (LE MOS, 2020).

Dias depois, no dia 24 de março de 2020, em pronunciamento oficial em cadeia nacional de televisão, o presidente atacou os governadores, posicionou-se contra as medidas restritivas para conter a pandemia, defendendo a abertura do comércio, bem como a manutenção das aulas presenciais. Naquela ocasião, ele afirmou: “É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade” (BOLSONARO, 2020)¹. As declarações do presidente causaram perplexidade e repúdio por boa parte da comunidade científica, do parlamento, da mídia, dos opositores e, até mesmo, dos apoiadores de Bolsonaro.

Cerca de quinze meses após o primeiro caso, no dia 19 de junho de 2021, o Brasil ultrapassou a vexatória marca de meio milhão de óbitos por Covid-19, mais precisamente, 500.868 já haviam perdido suas vidas para a doença. Esses dados só ratificam que o presidente se precipitou em suas declarações e que as medidas de confinamento deveriam ter sido adotadas desde o início da pandemia.

2. O poder de persuasão da mídia

Com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais avançado e com expansão dos meios de comunicação, a mídia vem adquirindo um amplo espaço na sociedade e, por conseguinte, apresenta uma significativa importância no nosso cotidiano, pois torna-se praticamente impossível manter-se afastado das influências midiáticas. Nessa perspectiva, podemos observar o que disse Roger Silverstone em seu livro “Por que estudar a mídia?”:

(...) nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto imprensa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência, e também, de quando em quando, para a intensidade das experiências (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

Outro fator importante é que as mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor.

1. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso: 15 ago. 2021.

Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. (LADEIRA, 2015)².

Nesse contexto, a expansão e a popularização dos meios de comunicação permitiram um maior fluxo de informação, ocasionando, muitas vezes, à falta de questionamento a respeito da forma em que a notícia é construída e apresentada. Dessa forma, os órgãos midiáticos acabam sendo constantemente associados a “meros transmissores dos discursos dos agentes e das informações sobre a realidade, neutros e, portanto, negligenciáveis” (MIGUEL, 2002, p. 156).

No entanto, o que se encontra nas informações transmitidas pelos meios de comunicação é, na verdade, o reflexo dos interesses e das ideologias adotados pelos órgãos de imprensa. Apesar disso, é necessário que a mídia repasse as informações da maneira mais imparcial possível para que suas concepções não influenciem no relato das informações.

Na verdade, a mídia, a partir da disseminação de informações supostamente neutras e imparciais, transmite ideologias implícitas em suas publicações, tornando-se, assim, um importante agente na construção social e político-ideológica do seu público-alvo. No que concerne ao discurso político, fica bastante evidente que sua transmissão pelos órgãos de comunicação pode-se dar das mais variadas formas possíveis, a depender, também, da ideologia que se pretende veicular junto à notícia, o que deixa clara a falta de neutralidade por parte dos órgãos de imprensa.

3. Semiótica Discursiva

A semiótica greimasiana ou discursiva (GREIMAS, 1975) toma como princípio analítico a divisão do plano de conteúdo em três níveis de análise não estanques. Segundo Fiorin (2002, p. 17), esse Percurso Gerativo da Significação (PGS) é “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido”. Essa corrente de análise cria um modelo que tenta explicar todas as semióticas do mundo natural, não apenas as línguas naturais. Para Greimas e Courtés (1983),

a economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas linguística), vale dizer, a disposição de seus componentes, uns com relação aos outros, e isso na perspectiva da geração, isto é, postulando que, podendo todo o objeto semiótico ser definido segundo o modo de produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um ‘percurso’ que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto (1983, p. 206).

2. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

No nível das estruturas fundamentais, o mais profundo do Plano Gerativo da Significação, doravante PGS, dá-se a apreensão do sentido básico do texto, ou seja, é nesse nível profundo que ocorre a oposição binária semântica elementar. A partir dessas relações de contrários e contraditórios, ocorre uma tensão dialética, na qual, segundo Greimas (1977, p. 183), «a competência do sujeito (= qualificação) não pode ser adquirida senão com a ajuda de um desempenho simulado (...) que é executado para parecer verdadeiro, mas que não o é ‘em realidade’».

Os sujeitos semióticos podem, durante seu Programa Narrativo, sofrer transformações modais, em outras palavras, adquirir novas competências, requalificarem-se e, assim, passarem a um novo estado modal. Para Fiorin (2007, p. 10), “os efeitos de sentido passionais derivam de organizações provisórias de modalidades, de intersecções e combinações entre modalidades diferentes.

A etapa intermediária de análise do referido percurso é a das estruturas narrativas, nela, sujeitos semióticos vão em busca de seu(s) objeto(s) de valor e, para tanto, são destinados, convencidos, seduzidos, tentados, intimidados, provocados, em suma, manipulados por algo ou alguém que os leva a uma performance.

Nessa corrente semiótica, a paixão é concebida para além da visão aristotélica, que a tomava como uma estratégia retórica que serviria para provocar uma mudança na essência do sujeito a partir da comoção de seu auditório. Greimas e Fontanille (1993) ampliam esse conceito e concebem paixão como um estado de alma desse sujeito que podem ser percebidos a partir da análise do Percurso Gerativo da Significação.

as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77).

Após a referida performance e os sujeitos cumprirem seu Programa Narrativo, ocorre, ainda no segundo nível da análise, a fase da sanção, na qual estabelece-se as relações conjunção e disjunção entre os sujeitos e seus objetos de valor.

Por sua vez, no nível discursivo, segundo Fiorin (2002, p. 29), “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude.”. Sendo assim, nessa etapa há a produção de efeitos de sentido, que se utilizam de vários meios enunciativos, como tempo, espaço, temas e figuras. É nele que se manifestam as escolhas discursivas do sujeito da enunciação, na linguagem verbal, por exemplo, isso se manifesta por meio da escolha de adjetivos, advérbios, foco narrativo, tempo e modo verbal, vocabulário, nível de formalidade etc.

4. Descrição do *corpus* de análise

A maior revista semanal do Brasil é a *Veja*, publicada semanalmente nos dias de quarta-feira pela editora Abril e aborda temas do cotidiano como política, religião, educação, cultura etc. Apesar de pregar imparcialidade, o posicionamento político-ideológico de *Veja* se manifesta, claramente, a partir das escolhas que seu corpo editorial faz das matérias, bem como das imagens que estampam suas capas e o miolo da revista.

De acordo com os dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), do mês de março do ano de 2020, as revistas semanais de maior circulação nacional tiveram uma queda expressiva entre 2014 e 2020. A revista *Veja* foi a que mais perdeu assinantes no período, mesmo assim, o semanário está consolidado como a revista de maior tiragem do Brasil.

Como vemos no Gráfico 1, a seguir, em 2020, *Veja* colocou em circulação mais de 260 mil exemplares, contando a suas versões impressa e de assinaturas digitais. Justamente por ter um número tão expressivo de leitores, a forma como aborda o contexto político no Brasil tem sempre muita repercussão.

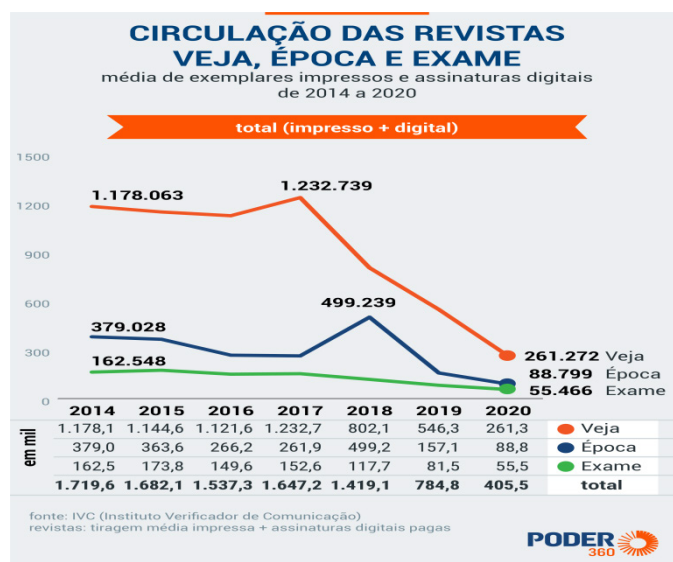


Gráfico 1: Circulação das três maiores revistas do Brasil entre 2014 e 2020.

Fonte: <<https://www.poder360.com.br/midia/revistas-em-2020-circulacao-impressa-e-digital-despencam/>>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

Neste trabalho, buscamos analisar as estratégias utilizadas na formação político-ideológica do leitor a partir da análise das capas da revista *Veja*, no que se refere a como é feita a abordagem por parte desse sujeito enunciativo sobre o combate à pandemia do novo coronavírus pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro. Para tanto, selecionamos três (03) capas publicadas pelo semanário, respectivamente, nas edições 2676, de 04 de março de 2020; 2728, de 10 de março de 2021; e 2743, de 23 de junho de 2021.

A seleção do corpus se deu por meio de um recorte qualitativo, levando em consideração, como já dissemos, as capas que abordaram o combate à pandemia por parte do Governo Federal. Além disso, a escolha das publicações respeitou um recorte cronológico: a primeira capa foi publicada logo depois do anúncio do primeiro caso de

Covid-19 no Brasil; a publicação da segunda ocorreu aproximadamente um ano após o início da pandemia; e a terceira foi publicada, justamente, depois de o país atingir a vergonhosa marca de 500.000 mortes em decorrência do contágio pelo SARS-CoV-2.

Assim, buscamos evidenciar os actantes partícipes dessas narrativas; o contexto de publicação das capas; as principais estratégias discursivas de que lançou mão o sujeito enunciador; e estabelecer a oposição elementar que subjaz a superfície verbo-visual.

5. Análise do corpus e discussão dos resultados

5.1. Plano discursivo da edição 2676, de *Veja*

A edição 2676, de 04 de março de 2020, foi publicada poucos dias após a divulgação por parte do, então, ministro da saúde, Nelson Mandetta, do primeiro caso de coronavírus em solo brasileiro. A suposta primeira vítima, foi um turista brasileiro que esteve na Itália, país que, na época, era o epicentro da pandemia na Europa.



Figura 1: Capa da Edição 2676, de 04 de março de 2020.

Fonte: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-02-28/>>.

Acesso em 17 de agosto de 2021.

A capa da edição 2676 estampa, em primeiro plano, uma passageira, possivelmente uma turista brasileira regressando de viagem à Europa, o que se pode concluir por algumas razões. A primeira delas são as roupas de frio utilizadas pela passageira que aparece em primeiro plano empurrando duas malas e por mais duas que estão em segundo plano, no canto superior direito da foto, à esquerda da primeira moça. As roupas de frio se justificariam pelo fato de que no final de fevereiro e início de março ainda é o inverno europeu. Inclusive, a jovem que se sobrepõe ao nome da revista *Veja*, além de usar um moletom preto por debaixo de uma camiseta branca, traz consigo um casaco, aparentemente, bem pesado, o qual carrega sobre a mala que empurra com sua mão esquerda. O segundo e não menos

importante elemento é uso de máscaras cirúrgicas pela moça em primeiro plano e por dois outros passageiros que parecem ter desembarcado do mesmo voo.

No plano verbal, a frase “Oh là là”, escrita em sua camiseta, uma típica interjeição francesa que pode representar uma decepção, uma surpresa, felicidade etc., serve como indicador de que ela poderia ter estado na França. Além da interjeição supracitada, a delimitação do tema é feita por meio da frase, que aparece em letras brancas sobre um fundo preto (casaco da moça que está no primeiro plano), “Passageiros desembarcam no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo: máscaras cirúrgicas”, que serve como um reforço para o texto imagético e vice-versa, ou seja, há um sincretismo semiótico entre o texto verbal e o não verbal que busca relacionar à chegada da Covid-19 ao Brasil ao desembarque de turistas vindos do Velho Continente.

Além dos elementos verbo-visuais já descritos, outro componente imprescindível para a análise da capa é a chamada principal. A frase “Ele está entre nós”; na qual o pronome pessoal “ele” se refere, nitidamente, ao coronavírus; quer passar ao leitor a ideia de que o vírus teria desembarcado em solo brasileiro com os turistas europeus, representados, figurativamente, pelas pessoas na fotografia de capa.

Por fim, ainda no plano verbal, temos o subtítulo, que serve para explicitar o que vai ser realizado pela reportagem destacada pela capa da Edição 2676. Em “A confirmação da chegada do coronavírus ao Brasil provoca alarme e exige atenção. Mas o sistema de saúde do país está bem preparado para evitar um mal maior”, percebemos que *Veja*, no final de fevereiro de 2020, ou seja, quando o vírus ainda tinha seu epicentro na Europa, encarava com bastante otimismo a capacidade de prevenção e combate por parte das autoridades sanitárias brasileiras ao vírus recém-chegado a nosso país. Inclusive, pelo uso da conjunção adversativa “mas”, depreende-se que o sujeito da enunciação, naquele momento, posicionava-se favorável às políticas públicas de saúde adotadas pelo Governo Brasileiro, e que um mal maior como as 500.000 mortes lamentavelmente alcançadas em junho de 2021 não aconteceria.

5.2. Plano discursivo da edição 2728, de *Veja*

A Edição 2728, de 10 de março de 2021, foi publicada cerca de um ano após a constatação de um primeiro infectado por coronavírus ter adentrado em solo brasileiro. Naquela data, o país contabilizava 270.917 óbitos por Covid-19, e a média móvel de mortes havia aumentado para 1.645, o que representava um recorde até então e indicava uma tendência de aumento no número de vítimas fatais entre contaminados pelo SARS-CoV-2.



Figura 2: Capa da 2728, de 10 de março de 2021.

Fonte: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2021-03-05/>>.

Acesso em 17 de agosto de 2021.

A capa da Edição 2728 traz; como plano fundo para o nome da revista, a chamada principal e o subtítulo; uma imagem de uma pessoa, da qual só se consegue identificar a silhueta, caminhando em direção a uma saída do outro lado de um túnel escuro. A imagem remete, metaforicamente, à expressão “uma luz no fim do túnel”, uma vez que, ao contrário da galeria escura que está sendo atravessada, a outra extremidade do túnel apresenta uma luz tão intensa que não permite enxergar nada além da passagem de saída. Fica claro que a intenção de *Veja* é, justamente, passar uma mensagem de incerteza em relação à condução do processo de vacinação da população brasileira e à diminuição do número casos e de mortes pelo novo coronavírus.

Essa edição aposta na simplicidade, na ausência de elementos como uma forma de comunicação, ou seja, estabelece uma relação *in absentia* com a tão esperada resposta à chamada principal, “Quando vai melhorar?”. Inclusive, vale salientar que não há sequer chamada secundária, a capa se resume ao nome da revista, à imagem de plano de fundo, à chamada principal e ao subtítulo.

Podemos dizer que essa capa de *Veja* representava, naquele momento, o anseio da população por medidas mais efetivas de combate à pandemia por parte do Governo Federal. Para justificar o tom não otimista ou, pelo menos, de incerteza que a revista imprime, ela usa um discurso de autoridade no subtítulo, “VEJA ouviu especialistas e analisou as experiências bem-sucedidas de outros países. No cenário mais otimista, com a entrega das doses compradas e o aumento do ritmo de vacinação, os números de mortes e casos cairão ainda neste semestre”.

Tanto quando coloca o discurso na boca de outro enunciador quanto no momento em que faz uso a terceira pessoa do singular, o sujeito da enunciação, provoca um distanciamento

daquilo que enuncia, tentando passar uma imagem de isenção, de imparcialidade, por meio de uma embreagem enunciativa, que, segundo Fiorin (1995, p. 29), é o “efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado”.

Em resumo, podemos afirmar que *Veja*, na capa edição 2728, busca, por meio do sincretismo entre os elementos verbais e não verbais, indicar um futuro de incertezas em relação ao combate à Covid-19 por meio das autoridades brasileiras.

5.3. Plano discursivo da edição 2743, de *Veja*

A Edição 2728, de 23 de junho de 2021, foi publicada logo após o Brasil ter chegado ao fatídico número de 500.000 mortos pela Covid-19, o que havia ocorrido no dia 19 de junho de 2021. Na verdade, naquele dia, o número chegou a 500.868 vidas perdidas para pandemia instaurada há mais ou menos quinze meses antes.



Figura 3: Capa da Edição 2743, de 23 de junho de 2021.

Fonte: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2021-06-18>>.

Acesso em 17 de agosto de 2021.

Na edição de 23 de junho de 2021, número 2743, *Veja* também aposta na ausência de elementos para simbolizar, desta feita, o vazio pelas 500.000 mortes provocadas pela Covid-19. Além do nome da revista, em vermelho, o que pode ser interpretado como uma metáfora visual para o sangue, há, no plano imagético, uma foto de um cemitério repleto de crucifixos. A grande quantidade dessas cruzes simboliza a imensidão de vítimas fatais do coronavírus no Brasil, o que é reforçado pela inscrição do numeral 500.000 na cruz em primeiro plano.

No plano verbal, a capa traz na chamada principal, a única que há, em caixa alta, os dizeres “ERRO FATAL”. A mensagem auto-explicativa é corroborada pelo subtítulo, “O Brasil está prestes a atingir a marca de 500.000 mortes em decorrência da Covid-19, um número que poderia ter sido muito menor se o presidente Jair Bolsonaro tivesse defendido a vacinação desde o início”. Vale ressaltar que *Veja* é publicada semanalmente e que, quando foi rodada a Edição 2743, o país ainda não havia atingido a marca de 500.000 óbitos, o que só ocorreu no dia 19 de junho, justamente, durante o período de circulação dessa edição. De qualquer forma, os números já eram catastróficos, e a revista, na ocasião, entrincheirava-se nitidamente como uma crítica do presidente Jair Bolsonaro, diferentemente do que ocorrera nas edições 2676 e 2728.

5.4. Análise do Nível Narrativo

Tomando-se as três capas como um único conjunto textual e, no que concerne à análise do plano narrativo, temos três (03) sujeito semióticos: o Sujeito 1 (S1), a população brasileira; o Sujeito 2 (S2), o sistema de saúde do país (SUS) e a comunidade científica brasileira; e o Sujeito 3 (S3), o presidente Jair Messias Bolsonaro.

O Sujeito 1 (S1) é figurativizado nas três capas selecionadas por meio das expressões “nós”, “passageiros” e “Brasil”. S1 é modalizado por um “querer-sobreviver à pandemia”, que é também o seu principal Objeto de Valor (OV1), mas, para alcançá-lo, ele precisa da ajuda da comunidade científica e do nosso Sistema Único de Saúde, seus adjuvantes. Em seu programa narrativo, S1 tem como opositores os negacionistas e, por mais esdrúxulo que possa parecer, o presidente Jair Messias Bolsonaro, o qual sempre difundiu um discurso contrário à vacina, ao isolamento social e ao uso de máscaras, e em defesa do uso de medicamentos como cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina, os quais não possuem comprovação científica como medida de combate ao novo coronavírus. Infelizmente, o S1 começa e termina seu programa narrativo em disjunção com seus objetos de valor, uma vez que, como é demonstrado pela capa da Edição 2743, o governo se mostrou incapaz de proteger a população, o que ocorreu pelo fato de não ter adquirido e distribuído as vacinas a tempo de evitar uma hecatombe como a provocada pela Covid-19, gerando cerca de mais de 500.000 mortes. Através dessa perspectiva, podemos apresentar o seguinte programa narrativo para o S1:

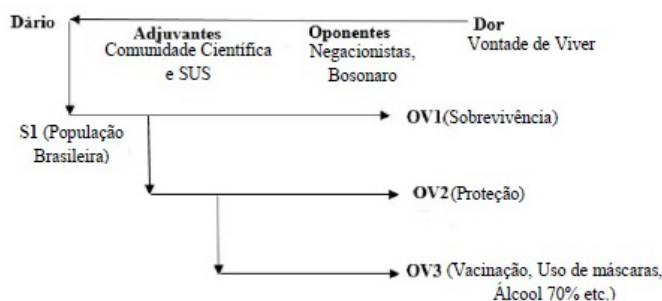


Figura 4: Percurso narrativo do S1

Em seu programa narrativo, o S2, figurativizado pelo “sistema de saúde do país” e pelos “especialistas”, que representam, respectivamente, o Sistema Único de Saúde (SUS)

e a comunidade científica brasileira. Esse sujeito é modalizado por um dever-protéger a população e, no intuito de alcançar esse Objeto de Valor (OV1), o S2 conta com a ajuda da comunidade científica internacional e dos fornecedores de vacinas e de insumos e, embora devesse contar com total apoio do presidente da república, este actante se apresenta, junto com os negacionistas, como um oponente do S2.

Como pode ser comprovado pela terceira capa analisada, da Edição 2743, o S2 permanece em disjunção com seu OV1 durante todo seu percurso narrativo, descrito no diagrama abaixo, uma vez que, nas palavras da própria *Veja*, o número de óbitos “poderia ter sido muito menor se o presidente Jair Bolsonaro tivesse defendido a vacinação desde o início”.

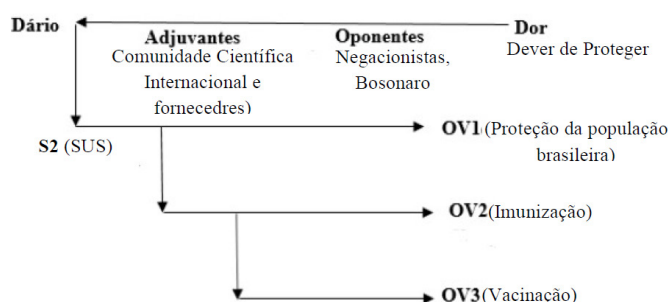


Figura 5: Percurso narrativo do S2

Quanto ao programa narrativo do S3, o presidente Jair Bolsonaro, podemos afirmar que ele é modalizado por um “negar a ciência”, o que é necessário para impor sua agenda ideológica, que representa o seu Objeto de Valor 1 (OV1), o que se dá, estritamente, por questões ideológicas. Nesse percurso, ele conta com o auxílio de seus apoiadores e dos negacionistas, uma vez que deu várias declarações contrárias à necessidade de vacinação e ao uso de máscaras, inclusive, chegou a afirmar que não iria se vacinar. Em discurso na cerimônia de assinatura de atos de apoio ao setor produtivo do Aeroporto Internacional de Porto Seguro, BA, no dia 18 de dezembro de 2020, Bolsonaro afirmou:

Alguns falam que eu estou dando péssimo exemplo, o imbecil, o idiota que está dizendo que eu estou dando péssimo exemplo, eu já tive o vírus, eu já tenho anticorpos, para que tomar vacina de novo? E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui, doutora Raissa, lá na Pfizer está bem claro lá no contrato, nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral, se você virar um jacaré o problema é de você, pô! Não vou falar outro bicho senão eu vou começar a falar besteira aqui. Se você virar super-homem, se nascer um homem como uma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não tem nada a ver com isso. O que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas, como é que você pode obrigar alguém tomar uma vacina que não se completou a terceira fase ainda, está na experimental? (PLANALTO, 2020)³

3. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-assinatura-de-atos-de-apoio-ao-setor-produtivo-aeroporto-internacional-de-porto-seguro>>. Acesso em 19 de agosto de 2021.

Esse discurso proferido por Bolsonaro é representativo de seu negacionismo e desconhecimento sobre a necessidade da vacinação como medida profilática, bem como demonstra todo seu preconceito e homofobia quando, em tom irônico, afirma que “se nascer um homem como uma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não tem nada a ver com isso”(IBIDEM).

Bolsonaro chegou até a defender o uso de medicamentos sem comprovação alguma de eficiência no combate ao SARS-CoV-2, como a hidroxicloroquina, indicado para ataques agudos de malária, artrite reumatoide, lúpus eritematoso, afeções dermatológicas e reumáticas; e ivermectina, um parasitário indicado principalmente para o tratamento da oncocercose, elefantíase, pediculose (piolhos), ascaridíase (lombriga) e escabiose.

Ainda quanto ao percurso narrativo do S3, ele tem como oponentes a população que deseja ser imunizada, a comunidade científica e, contraditoriamente, o SUS e boa parte dos ministros da saúde que passaram por seu governo, tanto que foram demitidos do cargo por defenderem a vacinação e medidas restritivas de convívio social e, assim, contrapondo-se à manutenção da pauta ideológica do presidente, como foram os casos dos ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich. Segundo o El país (2020), a demissão do primeiro ministro da saúde, no dia 16 de abril de 2019, apenas três meses e meio após sua posse,

foi uma decisão eminentemente política. O presidente não estava de acordo com a conduta de Mandetta na defesa das medidas de isolamento social ou da não aplicação da cloroquina de maneira generalizada para o tratamento da covid-19. Isolado politicamente, Bolsonaro viu uma chance de se livrar do ministro-estrela após ter a sinalização de seus ministros militares de que não se oporiam mais à saída do ministro, como tinham feito antes. (EL PAÍS, 2020)⁴

O S3 termina em disjunção com seu OV1, a imposição de sua agenda ideológica, uma vez que, mesmo que demita ministros e propale um discurso contrário à vacinação, ao uso de máscaras e às medidas restritivas etc., ele não consegue impor todas as suas pretensões, pois a responsabilidade do cargo que ocupa lhe impõe tomar atitudes contrárias às suas vontades e, por conseguinte, implementar medidas de combate à pandemia. A seguir, temos a representação gráfica do percurso narrativo de S3.

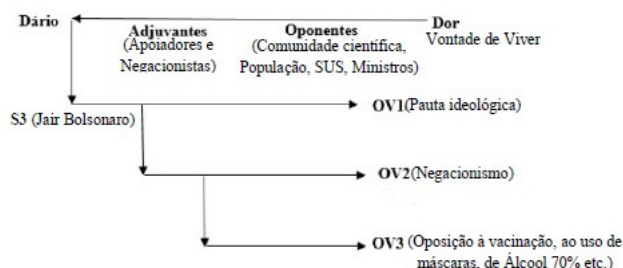


Figura 6: Percurso narrativo do S3

4. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-16/mandetta-e-demitido-por-bolsonaro.html>>. Acesso em 19 de agosto de 2021.

5.5. Oposição Binária Fundamental

O sujeito da enunciação, *Veja*, assume um posicionamento favorável à **ciência**, à **vacinação**, às **medidas e isolamento** e, por conseguinte, contrário ao do presidente Jair Bolsonaro, o S3, defendendo a necessidade de se seguirem protocolos de segurança sanitária contra o coronavírus, temos os itens supracitados como de valor **eufórico**. Por outro lado, a **exposição social**, o **negacionismo**, o **charlatanismo pela difusão do uso de medicamentos sem eficácia contra à Covid-19** e o **afrouxamento de medidas de convívio social** caracterizam-se como de valor **disfórico**. Essas relações de contrários e contraditórios podem ser ilustradas no octógono semiótico que segue:

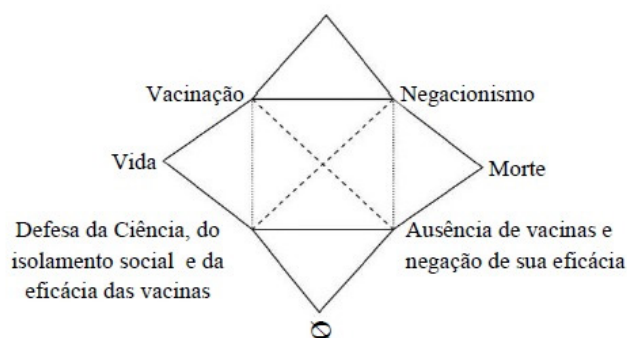


Figura 7: Octógono Semiótico Negacionismo X Ciência

No octógono (figura 7), “vacinação” e “negacionismo” são termos contrários, sendo o primeiro dotado de valor tímico positivo e o segundo de valor tímico negativo. Atendo-se às contradições, vê-se a relação dos termos “vacinação” e “ausência de vacinas e negação de sua eficácia”, bem como aquela que diz respeito ao “negacionismo” e à “defesa da ciência e da eficácia das vacinas”. Por outro lado, vê-se a complementaridade que se dá entre os termos “vacinação” e “defesa da ciência, do isolamento social e da eficácia das vacinas”, o que resulta em “vida”; além daquela que se dá entre “negacionismo” e “ausência de vacinas e negação de sua eficácia”, o que tem como resultado o risco de “morte” à população brasileira. Sendo assim, o sujeito da enunciação, *Veja*, aponta euforicamente para a vacinação e todas as medidas de prevenção à contaminação e morte como necessárias ao enfrentamento da pandemia de SARS-Cov-2.

6. Considerações Finais

A partir da análise das capas publicadas por *Veja*, respectivamente, das edições 2676, de 04 de março de 2020; 2728, de 10 de março de 2021; e 2743, de 23 de junho de 2021; observamos que a revista foi, paulatinamente mudando seu posicionamento a respeito de como o Governo Federal e, mais especificamente, o presidente Jair Bolsonaro conduziu, até junho de 2021, o combate e a prevenção à pandemia do novo coronavírus.

Na primeira edição analisada, a 2676, publicada logo após a divulgação do primeiro caso no Brasil, *Veja* ainda se mostra bastante otimista em relação a como o governo brasileiro

e nosso sistema de saúde pública, o SUS, enfrentariam a Covid-19, como se pode ler no subtítulo “A confirmação da chegada do coronavírus ao Brasil provoca alarme e exige atenção. Mas o sistema de saúde do país está bem preparado para evitar um mal maior”. Ou seja, na opinião do periódico, não havia o que temer, por isso não precisávamos ficar alarmados, uma vez que o SUS, para *Veja*, estaria bem preparado para o combate ao novo vírus.

Enquanto, na primeira edição analisada, a revista demonstra acreditar plenamente em nossa capacidade de conter a pandemia, na edição publicada, aproximadamente, um ano depois do desembarque do SARS-CoV-2 em território nacional, na edição 2728, *Veja* já se mostra apreensiva em relação à forma como o governo conduziria o combate e a prevenção à Covid-19, bem como em relação ao aumento do número de óbitos provocados pela doença.

Já na terceira e última capa analisada, edição 2743, *Veja* dá uma guinada de 360 graus em relação ao posicionamento adotado na edição 2676, publicada há cerca de um ano e cinco meses antes. Na edição de 23 de junho de 2021, a revista demonstra bastante pesar em relação ao assombroso número de mortos, que já passavam de 500.000 pessoas. Naquele momento, *Veja* define a condução do enfrentamento à pandemia por parte do governo do presidente Jair Bolsonaro como um “erro fatal”.

Quanto à análise do plano visual, vimos que a revista construiu seu discurso sempre partindo de imagens icônicas: para representar a chegada do vírus ao país, estampou o desembarque de turistas no aeroporto de Guarulhos, em alusão ao fato de o primeiro infectado a chegar ao Brasil ter, supostamente, vindo da Europa; para indicar apreensão e falta de perspectiva, alude à metáfora visual da “luz no fim do túnel”; e para representar o lamento, o luto, a indignação pela inadmissível quantidade de mortos a que se havia chegado em menos de um ano e meio de pandemia, recorre à imagem de um cemitério com incontáveis crucifixos, mais uma metáfora visual, nesse caso, para representar a morte.

No que tange ao plano verbal, *Veja* sempre prefere capas mais minimalistas, com pouco texto verbal, geralmente, apenas uma chamada principal, um subtítulo e o nome da revista. Sendo assim, a chamada principal funciona tanto como uma legenda da imagem como a apresentação da reportagem de capa.

Em suma, podemos dizer que análise dessas três capas serviu para nos mostrar o quão susceptíveis estão os posicionamentos dos órgãos de comunicação a fatos novos, ao inesperado. Essa é uma via de mão dupla, veículos midiáticos de grande alcance como é o caso de *Veja* exercem influência inegável sobre seus leitores, bem como os anseios de seu público-leitor quase sempre norteiam o direcionamento que uma revista, um jornal ou um noticiário de rádio vão dar à sua pauta.

7. Referências

BRASIL. Presidente (2018-2021: Jair Messias Bolsonaro). **Pronunciamento do senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão.** Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

- FIORIN, J. L. **A pessoa desdobrada**. São Paulo: Alfa N. 39, 1995. p. 23-44 (semestral).
- _____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. **Semiótica das paixões: o ressentimento**. In: Alfa, v. 51, n.1, 2007. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/01-Fiorin.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar e outros. Revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis, vozes, 1975
- _____. **Os atuantes, os atores e as figuras**. in CHABROL, Claude et al. *Semiótica narrativa e textual*. Tradução Leyla Perrone Moisés, Jesus Antônio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix, 1977, p.179 a 195.
- _____. & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- _____.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.
- LADEIRA, Francisco Fernandes. **A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?**. Observatório da Imprensa. 2015. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- LEMOS, Vinícius. **Coronavírus: por que primeira pessoa infectada no Brasil pode nunca ser descoberta**. CNN Brasil: Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52334034>>. Acesso em: 13 maio 2021.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas**. São Paulo: EDUC, 1995.
- PODER 360. **Revistas sofrem grande queda de circulação impressa e digital em 2020**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/revistas-em-2020-circulacao-imprensa-e-digital-despencam/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- MANDETTA, L. H. Luiz Henrique Mandetta: depoimento [2020]. **Brasil confirma 1º caso de coronavírus, ministro descarta interrupção de vôos**. Brasília: REUTERS, 2020. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/saude-coronavirus-primeirocaso-idBRKCN20K28C-OBRDN>>. Acesso em: 12 maio 2021. Entrevista coletiva concedida em Brasília para anúncio do 1º caso de coronavírus no Brasil.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SANAR SAÚDE. **Linha do tempo do coronavírus no Brasil**. Disponível em: <<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em 11 maio 2021.
- SUS. **Painel Coronavírus**. Brasília, 11 de maio de 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 12 maio 2021.
- UNA-SUS. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília, 27 fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 11 maio 2021.

VEJA, São Paulo, **edição 2676**, março de 2020. Disponível em: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-02-28/>>. Acesso em: 17 de ago. 2021.

_____, São Paulo, **edição 2728**, março de 2021. Disponível em: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-03-05/>>. Acesso em: 17 de ago. 2021.

_____, São Paulo, **edição 2743**, junho de 2021. Disponível em: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-06-18/>>. Acesso em: 17 de ago. 2021.